

CAPÍTULO 4

A VIAGEM NA PROCURA DA SOCIOPOÉTICA

José Carlos Carvalho

Claudia Mara de Melo Tavares

Chamar viagem, poderá ser demasiado pomposo, mas é poético.

Camões, sofreu para “proteger” a sua obra no mar. Gil Eanes, Álvares Cabral, Vasco da Gama ou Fernão Magalhães, alguns dos valorosos navegadores, sofreram e superaram as dificuldades impostas pelo mar e conseguiram tornar o mundo mais global.

E nós, o que podemos fazer?

Que contributos podemos ter no ensino, na investigação...

Após o contato com a perspectiva sociopoética e a sua aplicabilidade no ensino de enfermagem e em particular na saúde mental, surgiu a oportunidade de aprofundar os estudos e de fazer um estágio de pós-doutoramento.

Este texto reflexivo, pretende ser a tradução da riqueza da experiência e como um europeu pretende desenvolver este caminho...

O meu percurso na Sociopoética é muito curto. Ainda sou um aprendiz!

Uma expectativa alta do que pode ser o futuro da perspectiva sociopoética no ensino e na saúde mental.

Durante todo o percurso acadêmico, pautei a minha investigação e os meus interesses por áreas com evidência, palpáveis... e sempre numa lógica quantitativa...

A Ciência é ainda vista como algo que tem de ser quantificada, explicado e “nunca” percebida, sentida e vivenciada.

Quando, descobri que alguém pensava desta forma e tinha avançado com esta mudança, quis saber mais...

Ao viver no Porto (Portugal), percebe-se que as pontes são um dos seus símbolos. Curioso o paralelismo. A partir dele entendo a importância de juntar sinergias, também para essas pontes do conhecimento e o contributo para a construção de mais e melhor ciência.

Sendo a vida feita de emoções... podemos omitir as nossas emoções?

Apesar de se caracterizarem por reações complexas, podem ser expressas por diferentes manifestações desde as fisiológicas, comportamentais, cognitivas, afetivas, sentimentais até as expressões faciais.

Jean Watson (2002) destaca que as emoções são um elemento-chave para a ligação do enfermeiro com o Ser (corpo e alma), de quem cuida. Trabalhar as emoções é algo que é exigido em saúde mental.

E então, surgem as perguntas clássicas:

Podemos ser significativos?

Temos intervenções específicas para as emoções?

Quais seriam as emoções relevantes em saúde mental?

Todas, desde as mais agradáveis (ditas positivas), até aquelas que pelo seu caráter desagradável (negativas), devem ser alvo da nossa atenção.

Penso que seja preciso falar da ESPERANÇA, uma das 3 virtudes teológicas (fé, esperança e caridade), em que os crentes esperam a vida eterna e confiam nas promessas de Cristo e da ALEGRIA, na qual nos devíamos centrar, numa perspetiva de promoção de saúde mental. De acordo com Melo (2005), ela é sinónimo de felicidade, de satisfação, de otimismo e de prazer, facilita a resolução de dificuldades e sentimentos negativos, suaviza os efeitos do stress e aumenta a criatividade.

No ensino e, em particular, na Enfermagem, devemos apelar ao manancial de recursos disponíveis. Daí a importância da Criatividade.

Em conversas com a Professora Cláudia Mara Tavares, foi possível perceber que havia ideias e preocupações comuns e formas de ver os problemas muito similares.

Experiência

Mas, o que eu faço, ou tento fazer, pode chamar-se Sociopoética? Não, porque não tem seguido os pressupostos e as regras que lhe estão definidas (Gauthier, 2012). Estavam a faltar as

balizas... as regras! Fazia uma tentativa de algo, que se assemelhava a inovador. E quais as abordagens, que fazemos?

A expressão e a capacidade estética, bem como a apreciação do espaço e das imagens pode(m) ser preditor(es) de psicopatologia.

A utilização de mediadores de expressão, podem ser um recurso terapêutico muito valioso em enfermagem de saúde mental e nas intervenções psicoterapêuticas, nomeadamente, de orientação para a realidade, uma vez que a arte e a estética, são formas de representação da realidade.

O recurso a **imagens**, por exemplo de **pintura**, de mestres como *Bosch, Picasso, Gaudi, Van Gogh, Dali...* tem potencial enorme para se falar de estigma e do doente/doença mental.

E o que dizer da **fotografia**, quando uma imagem “vale mais que mil palavras”, sempre pertinente e atual.

O **desenho**, a **caricatura** ou o **cartoon**, são fonte de inspiração e de percepção da realidade. A representação gráfica do que é a doença mental para os alunos de enfermagem, nos dois países da qual extraímos cerca de 50 símbolos foi um exemplo (CARVALHO; TAVARES, 2017).

Outro exemplo foi a apresentação de uma ideia/trabalho por imagens 20 x 20 (vinte imagens em vinte segundos cada), com um nome diferente: Pecha Kucha (BYRNE, 2016).

A exploração da **arte urbana** e do **graffiti** na Saúde Mental é um bom exemplo de abordagem do que é a doença e o potencial

reabilitador/libertador da arte e pela arte³.

O **cinema**, a imagem em movimento, é uma excelente ferramenta e arma no combate ao estigma. Nem sempre temos disponíveis exemplos e com os quais deparamos com as questões éticas das pessoas com perturbação mental (CARVALHO; SILVA, 2008). Mas, o cinema pode ser um excelente contributo, desde que bem explicado e enquadrado (WEDDING; NIEMIEC, 2014).

A **escrita criativa**, o texto literário e a **Poesia**, como fontes de prazer e de reflexão, com o objetivo de fomentar o prazer pela leitura e apelar à sensibilização dos alunos, pode ser um caminho (KIRSTEN, 2015; SHORT & GRANT, 2016).

E a **música** e todo o seu potencial... *o que mais se aproxima de exprimir o inexprimível* (Aldous Huxley). É curioso notar que quando se pede aos alunos que pensem em músicas, vem sempre a imagem “clássica” e estigmatizante da Psiquiatria e muito menos numa perspectiva de bem-estar, de promoção de saúde mental e de saúde mental positiva.

O **Teatro**, desde Moreno que é usado, sendo o Psicodrama um dos exemplos clássicos e com excelentes resultados... E o contar histórias (storytelling/StoryCubes), excelentes técnicas de comunicação e com um potencial inovador e motivador (DE VECCHI et al., 2016).

³ Disponível em: <http://www.arcadedarwin.com/tag/rostos-do-muro-azul/>

Ou apelar a outras ideias... Por exemplo, a abordagem das questões da sexualidade, mas na cor de rosa (de senhoras para senhoras) ... ou como o ambiente pode influenciar o processo saúde-doença... **Nos doentes psiquiátricos**, a importância da cor em SM (apesar de daltônico, não foi impedimento para o estímulo), falar de assunto sérios, nem sempre fáceis, fruto da idade, da imaturidade ou da inexperiência e de como pode ser gratificante para ambos.

Ao longo dos anos, tive o privilégio de acompanhar os alunos num local, onde a reabilitação psicossocial das pessoas se faz também pela arte e pela estimulação sensorial. Tenho aprendido muito do quanto é possível fazer e do benefício que é possível ter/obter.

E sempre que possível, estimo os alunos a pensarem desta forma, a produzirem “algo”, a levá-los à pesquisa por via indireta, não centrada no problema, mas muitas vezes nas possíveis soluções...

E o algo, pode ser um desenho, um trabalho, um texto, uma atividade terapêutica onde o seu cunho possa ficar e que os leve à pesquisa, à descoberta!

Mas, para esses desafios, precisamos estar devidamente balizados e com referências atuais, sempre baseados em evidência, porque o ensino superior assim o exige! Exemplos de abordagens que são preconizadas nos relatórios internacionais, **a preocupação com o bem-estar** (STICKLEY *et al.*, 2016; MCKEOWN *et al.*, 2016; VAN LITH, 2016; ISFAHANI *et al.*, 2015; BIDWELL, 2014)

Não precisamos de inventar... está quase tudo já inventado e o

exemplo clássico é a roda. Quantos de nós usamos a analogia à roda para pensar na evolução, no desenvolvimento, na inovação.

Pois... será que é preciso "reinventá-la? Já estão tratando disso!

A inovação existe e tinha de ser pela via do "cérebro"! A Goodyear baseou a superfície do Eagle-360 na textura simétrica do coral-cérebro dos mares de Belize⁴.

E assim, nada melhor que encetar uma VIAGEM, pelos mares do subjetivo e por águas que nem sempre são muito calmas, quando falamos da saúde/doença mental.

A perspectiva sociopoética pareceu-me ser um caminho que deveria ser trilhado e entendido. Trata-se do desafio de fazer algo diferente e pesquisar por outros caminhos.

O convite para participar no I Encontro Internacional de Inovação no Ensino na Saúde e Enfermagem (I Simpósio Internacional de Inovação no Ensino de Saúde Mental, Saúde Coletiva e Saúde da Mulher), realizado na cidade de Niterói - Rio de Janeiro), foi para além de ser muito gratificante do ponto de vista pessoal, foi o reconhecimento, que afinal o que fazemos pode ser significativo, pelas ideias, pelos projetos e isso é bom!

Fazer algo motivador, desafiante, que nos coloca perante os limites e que nos faça crescer e despertar, para ser diferente e poder fazer a diferença... Como docente, fazemos um trabalho diário de

⁴ Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/carro/101781-pneu-futuro-goodyear-revela-eagle-360-conceito-pneu-esferico.htm>

motivação, de desafiar os alunos com novas abordagens (abordagens afins), para uma aprendizagem centrada nas emoções e na gestão de emoções.

Conhecer as pessoas e poder partilhar o que fazemos nos dois continentes é algo de muito importante para o crescimento pessoal e indiscutível para o desenvolvimento da enfermagem, enquanto disciplina e ciência.

Separa-nos alguma distância, é verdade: alguns milhares de quilómetros. Mas, se os nossos antepassados tornaram esse caminho fácil, porque não o devemos fazer hoje, num mundo em que cada vez mais é possível comunicar em tempo real e à distância de um clique?

A partilha, a descoberta do que se faz, do que se pode fazer, da aprendizagem mútua, é algo que todos os que passam por experiências de pós-doutoramento devem sentir. Mas fazê-lo com culturas diferentes, perspetivas de vida distintas, é algo muito mais enriquecedor.

Como refere Gauthier: “Entrar com prazer no saber. Eis o grande problema da educação. De quem aprende e de quem pesquisa” (Gauthier, 2012, p.197).

Ler *O Oco do Vento* e os seus ensinamentos é muito inspirador! A perspetiva sociopoética, em que toda a prática social de produção de conhecimento é questionada, reafirma:

- A importância do corpo na construção do imaginário;
- O papel da criatividade artística na construção do

conhecimento;

- A importância dos sujeitos como corresponsáveis pelos conhecimentos produzidos
- A importância do sentido espiritual e humano.

Curiosamente, esse movimento teve inspiração nos movimentos de libertação franceses em maio de 1968, ano do meu nascimento...

Vale salientar também a importância da perspectiva sociopoética no ensino, pela:

- Autonomia das pessoas no processo de aprendizagem e de participação;
- Consciência de que na sala de aula não se ensina apenas conteúdos curriculares;
- A certeza de que o papel do educador é o de facilitar a auto-organização do pensamento;
- A compreensão de que as experimentações estéticas permitem que a aprendizagem faça mais sentido para os alunos (devido a mobilização dos afetos) no ensino, na clínica e na vida;
- Contribuição com a transformação poética das pessoas.

A realidade europeia é claramente muito diferente, mas utilizando as palavras de Jacques Gauthier, fica mais fácil de explicar: “Curioso a distinção entre ciência geral e ciência matemático-experimental, que os Europeus chamam de ciência” [...] ou “O desafio é grande: a convergência entre saber e sabedoria, numa ciência que

integra em lugar de excluir, que junta em lugar de cortar... (Gauthier, 2012, p.12).

Uma das dificuldades talvez esteja no nome “**Sociopoética**”. Muito agradável, mas direcionada para uma abordagem mais “romanceada”, mais “poética”, o que na realidade, poderia ser vista, com uma abordagem feita no sentido da **criação, da inovação, do desafio**.

Das referências incontornáveis e das quais pouco conhecia, salientam-se Freire (2002), que defende a “postura de respeito mútuo e de troca de saberes” em detrimento de “falar ao povo sobre a nossa visão do mundo”; de Deleuze e Guattari, que entre outros contributos, defendem o conceito de Rizoma; de Augusto Boal (do Teatro do Oprimido nos anos 60/70) e a arte de nos vermos a nós mesmos; de René Barbier, com particular importância para a Empatia (defendido por Carl Roger), em que salienta a importância de pesquisar com todos os sentidos e não apenas com a razão e não apenas com a razão e defende ainda a escuta sensível.

É indispensável conhecer outras teorias e outros modelos. A teoria das marés (Tidal Model) desenvolvida por Phil Barker e Poppy Buchanan-Barker nos faz perceber que podemos conceber a nosso trabalho suportados por uma teoria que nos faz muito sentido.

A descoberta de Mikhail Bakhtin “...quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado...” (MACHADO, 2013).

Agora deparo-me com Jaques Gauthier, Claude Lévi-Strauss, Celestin Freinet, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Henri Lefebvre... todos franceses (língua que estudei enquanto jovem) e que foram muito importantes na formalização do conhecimento na área da Filosofia, da Psicologia, da Pedagogia... da Ciência.

Descartes, na sua procura de conhecimento, referia

não me contentando com as ciências que nos ensinavam, percorrera todos os livros que pudera ter em mãos, pelo que... é preciso romper com os saberes prévios, falsamente evidentes, que já explicam tudo; é preciso aprender a questionar; e aprender como questionar e como ver além do óbvio (Gauthier, 2012, p. 26).

Neste percurso, eu tive a honra de coorientar um trabalho (FONSECA, 2017; FONSECA *et al.*, 2017a; FONSECA *et al.*, 2017b), sobre esta perspetiva, com o qual muito aprendi.

Considerações Finais

Não sei, se será fácil levar os céticos da Sociopoética a perceber a sua importância e o seu espaço. Mas, o caminho faz-se caminhando e como dizia Pessoa, "... pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo..."

Uma abordagem diferente, que na minha perspectiva, pode permitir maior crescimento pessoal, maior humanização, maior liberdade, maior responsabilidade, igual rigor, mais alegria e maior prazer no que se faz, logo mais saúde mental.

Toda a arte se baseia na **sensibilidade**, e essencialmente na sensibilidade. A sensibilidade é pessoal e intransmissível (Fernando Pessoa) e por meio do humor, nós vemos no que parece racional, o irracional; no que parece importante, o insignificante. Também desperta o nosso sentido de sobrevivência e preserva a nossa saúde mental (Charles Chapin).

Trabalhar as emoções, a criatividade, a inovação, o prazer por fazer diferente deve ser o desafio de um ensino e das instituições que formam profissionais de saúde e em particular enfermeiros.

Numa escola que tem como lema: **Ser significativa para as pessoas**, tem claramente de começar a ser significativa para com aqueles que ensina, que ajudam a crescer e a formar. Está em perfeita enquadrado com os desafios do futuro do ensino de enfermagem e da saúde Mental.

REFERÊNCIAS

BIDWELL, S. The arts in health: Evidence from the international literature. Population Health and Community Engagement. **Pegasus Health** (Charitable). March, 2014.

BYRNE, M. Presentation innovations: Using Pecha Kucha in nursing education. **Teaching and Learning in Nursing**, v. 11, n. 1, p. 20-22, 2016.

CARVALHO, J. C.; SILVA, E. A Psiquiatria e a Sétima Arte. **Hospitalidade**, n. 280, p. 47-52, 2008.

CARVALHO, J. C.; TAVARES, C. M. "Nursing students' depiction of mental disorder". **The Journal of Mental Health Training: Education and Practice**, v. 12, n. 5, p.323-330, 2017. Disponível em:

<https://doi.org/10.1108/JMHTEP-12-2016-0057>. Acesso em: 25 abr. 2019.

CLIFT, S. Evidence from the international literature usan Bidwell, Population Health and Community Engagement. **The Arts in Health**, v. 131, n. 1, p. 8. 2014.

DE VECCHI, N.; KENNY, A.; DICKSON, V. Swift and Susan Kidd How digital storytelling is used in mental health: A scoping review. **International Journal of Mental Health Nursing**. 2016. Doi: 10.1111/inm.12206.

FONSECA, B. *et al.* The power of aesthetic experimentation in the process of self-knowledge: a sociopoetic study. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 16, n. 1, p. 73-82. 2017. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article>. Acesso em: 25 mar. 2020.

FONSECA, B. *et al.* A. A plasticidade criativa possibilitada pela sociopoética: a perspectiva da criação de relaxamentos. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. (especial) 5, p. 99-106. 2017.

FONSECA, P. I. M. N. da. **O autoconhecimento e sua multidimensionalidade aplicada à equipes de transplantes**. 2017. 182 f. Tese (Doutorado em Ciências do Cuidado em Saúde) - Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GAUTHIER, J. **O oco do vento**. Curitiba: CRV, 2012.

ISFAHANI, S. S. *et al.* Nurses' Creativity: Advantage or Disadvantage. **Iranian Red Crescent Medical Journal**, v. 17, n. 2. 2015. DOI: 10.5812/ircmj.20895.

KIRSTEN, J. The use of poetry writing in nurse education: An evaluation. *Nurse Education Today*, Vol. 35, Issue 9 e7 - e10. 2015.

LI, D.; SULLIVAN, W. C. Impact of views to school landscapes on recovery from stress and mental fatigue. **Landscape and Urban Planning**, n. 148, p. 149-158. 2016.

LITH, T. V. Art therapy in mental health: A systematic review of approaches and practices. **The Arts in Psychotherapy**, n. 47, p. 9-22. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.aip.2015.09.003>.

MACHADO, I. Concepção sistêmica do mundo: vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, n. 2, p. 136-156. 2013. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S2176-45732013000200009>.

MCKEOWN, E. *et al.* **Art Engagement and Mental Health**: Experiences of service users of a community-based arts programme at Tate Modern. London: Public Health, 130, p. 29-35. 2016.

MELO, A. **Emoções no período escolar**: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Universidade do Minho, Porto, 2005.

SHORT, N.P.; GRANT, A. Poetry as hybrid pedagogy in mental health nurse education. **Nurse Education Today**, v. 43. 2016.

STICKLEY, T. *et al.* Arts, health & wellbeing: reflections on a national seminar series and building a UK research network. **Arts & Health**, v. 9, n. 1. 2017.

WATSON, J. **Enfermagem**: ciência humana e cuidar, uma teoria de enfermagem. Lourdes: Lusociência, 2002.

WEDDING, D.; NIEMIEC, R. M. **Movies and Mental Illness**: Using Films to Understand Psychopathology. 4. ed. Hogrefe. 2014. 456 p.